

a morte do prazer

vs o prazer da morte



PROF. DOUTOR DANIEL SERRÃO

Texto de intervenção no V Congresso Internacional Espaço T • Porto, 22-23 de Março de 2007

Era o entardecer de um dia enevoado e triste. Um daqueles dias de Novembro propícios à recordação da morte alheia como estratégia para desanuviar a inevitabilidade da morte própria.

Já tinha passado, à beira Douro, pelo Clube Literário do Porto, à procura do livro de Herlander Ribeiro e não o encontrei. Estava a acabar mal o dia.

Herlander Ribeiro escreveu sobre a “Alma Judia”, como ninguém, já em 1939, e eu precisava de o reler para que me ajudasse a preparar um texto que me foi encomendado sobre a morte do prazer *versus* o prazer da morte. Para ler no V Congresso Internacional Espaço T. E precisava porque eu suspeito que é na “alma judia” que a negociação das emoções pessoais é elevada ao mais exigente nível de verdade e de rigor. Sem, no entanto, esta “alma” manifestar a mais leve preocupação, com as consequências, porventura muito graves, dos resultados, tantas vezes trágicos e suicidários, de tão difícil, estranha,

imprevisível e corajosa negociação da vida emocional que nos move e nos comove.

Primo Levi, uma alma judia, por exemplo, não levou esta negociação a bom termo e escolheu a morte voluntária. Suicidou-se.

Elie Wiesel, outra alma judia, superou as emoções violentas de prisioneiro do nazismo a aguardar o momento próximo da morte na câmara de gás, construindo uma filosofia da esperança. Nas suas palavras, “a esperança emerge como uma presença que acompanha e envolve os nossos desafios e os nossos sonhos, as nossas questões e as suas respostas. Também a morte da esperança é a morte das pulsões generosas, e das imagens de fogo que me tocam; é a morte do eu interior. A morte da esperança marca o fim das minhas possibilidades, das minhas aspirações, das minhas perguntas. Dito de outra maneira: a morte da esperança significa a morte da partilha, da renovação. E da redenção”. Citei.



A esperança foi, assim, o fruto da negociação das emoções pessoais de Wiesel e salvou-o do desespero e da morte; nós ganhamos um grande escritor. Mas a mais difícil negociação é entre o amor e a morte, entre o prazer ou o sofrimento da vida e o sofrimento ou o prazer da morte. Com Abraão acabou a morte sacrificial e apaziguadora, do outro, como vítima, mas não terminou a morte intencional, do próprio, como sacrifício pacificador. E a “alma judia” sabe-o e sente-o como nenhuma outra “alma”, desde há séculos.

Judah Abravanel, o nosso Leão Ebreo, nos *Dialoghi d'Amore*, explicou bem, no Século XVI, as diferenças subtis e as intersecções evidentes entre amor, desejo e paixão. Como ensina um seu biógrafo moderno, o Prof. João J. Vila-Chã, para Leão Ebreo, “o amor é classificado de acordo com a natureza do objecto cujas possibilidades são a utilidade, o agrado ou a virtude. No caso da utilidade, as coisas são amadas depois de terem sido possuídas, mas o que é agradável e honesto é amado antes de ser possuído. E esta é a importante diferença que separa o útil do agradável. No primeiro caso o que dá o gozo é a posse do objecto; no segundo caso o amor incide, principalmente, na imaginação com a qual o objecto é concebido como objecto de prazer.

Portanto o amor pelo que é agradável constitui um passo intermédio entre o útil, que é o menos universal, e o honesto que é o da maior universalidade e cujo objecto é a virtude e a sabedoria em si próprias. As diferenças entre o útil e o agradável, embora sejam consideráveis, não são nada em comparação com a superioridade do amor honesto, ou seja a virtude e a sabedoria”. Fim de citação.

Mas alguém, no Espaço T, onde é suposto eu ir falar de amor e de morte, vai querer saber alguma coisa sobre o que as “almas judias” de Filon e Sophia entreteram nos seus famosíssimos Diálogos sobre o amor? Diálogos cuja influência intelectual chegou a Ludwig Wittgenstein, outra complexa “alma judia” do século XX?

Certamente que não, mesmo que eu pense, muito sinceramente, que a questão radical do tema proposto está na antiquíssima reflexão hebraica sobre a morte humana e a eternidade, sobre morrer para viver eternamente.

Será que eu posso amar a morte? A minha morte? A morte do outro?

Será que eu posso desejar a morte? A minha morte? A morte do outro?

E se há amor pela morte, própria ou alheia, é amor a um objecto útil, a um objecto agradável ou a um objecto de virtude e sabedoria?

Wittgenstein é radical, como sempre. E diz: “6.431 – Com a morte o mundo não se altera, cessa. 6.4311

– A morte não é um acontecimento da vida. Não há uma vivência da morte. Se se compreende a eternidade não como a duração temporal infinita mas como intemporalidade, então vive eternamente quem vive no presente. A nossa vida é infinita, tal como o nosso campo visual é sem limites”. Fim de citação.

Saí do Clube Literário em registo negativo e fui andando até um desses lugares, à beira rio, onde se cruzam o álcool, outras drogas, as mulheres com a difícil vida fácil, o desejo e, talvez, também, quem o sabe, o amor. Trepei a um banco alto, junto ao balcão, e por ali me fiquei, a olhar, com olhos contemplativos. Que estranha amostra de humanidade estava na minha frente. Vamos por partes.

Nos fundos havia uma espécie de “área de injeção assistida”. Como se estivessem fora do tempo e do espaço, vivendo a sua tal eternidade do presente pessoal, duas jovens injectavam-se com uma atenção compenetrada, como se o líquido que se juntava ao seu sangue cumprisse um ritual de vida e não de morte, um ritual de prazer e não de sofrimento. Haveriam de ficar, pouco depois, extáticas e ausentes, desligadas do mundo exterior, vinculadas apenas ao fluir interior da autoconsciência onde tudo é presente, intemporal e, por isso, eterno.

Esta vinculação exclusiva ao núcleo central da vida espiritual que o líquido, a circular no sangue, produziu às duas jovens, é uma sensação de prazer tão profunda que, quando acaba, é dolorosamente sentida como a morte do prazer. Ora o remédio para a morte é a ressuscitação.

No dia seguinte, com a tristeza nos olhos embaciados, ali estarão as duas, juntas mas como que indiferentes uma à outra, a renovarem o ritual da ressurreição, a celebrarem o prazer de viajarem pelo interior de si próprias, fora do espaço e fora do tempo. Porque é, para elas e para muitos, tão inóspito, tão cruel, tão inútil, este mundo, onde temos de suportar a vida que só a fuga para dentro, ainda que temporária, lhes permite uma precária sobrevivência. Viver, para elas, já não é conviver, é sobreviver. Os episódios de vida sem prazer irão sendo, depois, cada vez mais curtos e as viagens pelo feliz espaço interior cada vez mais longas; até conduzirem ao prazer místico de morrer.

Este é um campo difícil e minado; minado no sentido literal da palavra.

O jovem adolescente palestino que amarra ao seu corpo uma mina e a faz explodir para matar, morrendo, sente o que chamei de o prazer místico de morrer. Não podemos entrevistá-lo, depois, porque está morto; mas eu arrisco afirmar que a exaltação da autoconsciência, do espírito interior, de todo aquele que prepara a morte e mata o corpo, é tempo

de um tal prazer que anula todos os outros prazeres. Até o fugaz e infértil prazer de viver neste mundo. Maria Gabriela Llansol já nos tinha avisado, nesse perturbante e esquisito livro que é “um falcão no punho”, quando escreveu: “Nem hierarquia, nem ruptura entre corpo e espírito. O pensamento é impelido pela geometria dos corpos”. Fim de citação. De facto é a geometria variável das asas dos nossos corpos, é ela que prepara e consente um voo sereno para o prazer da paz emocional, ou “um voo cego a nada” (Reinaldo Ferreira) ou um voo trágico para a catástrofe da morte.

Fossem os jornais atentos às grandes negociações emocionais e haveriam de noticiar, todos os dias, as tragédias desta outra aviação civil na qual viajam e se despenham tantas autoconsciências pessoais.

Mas os do Espaço T querem um discurso, meio trocadilhado, sobre a morte do prazer vs. o prazer da morte. E é um discurso que eu não sei fazer. Ainda não morri pelo que não sei se há um prazer da morte. A alguns Santos da hagiografia cristã e a mártires, ou vítimas, de grandes ideologias como Liberdade, Igualdade e Fraternidade, é atribuído um caminhar sereno para a morte como se esta fosse um prazer. S. Tomás More, o da Utopia, mandado degolar por Henrique VIII, terá considerado que ser morto era a boa solução para o dilema que o dilacerava: respeitar a sua Fé no Deus cristão sem desrespeitar o seu Rei que, na sua época, era uma espécie de deus temporal, titular de um direito divino de reinar.

Talvez seja assim, talvez haja um prazer da morte ou um prazer na morte. Mas eu não o sei e sigo, aqui, o conselho de Wittgenstein; “Acerca daquilo de que se não pode falar, tem que se ficar em silêncio”. Fim de citação.

Também ainda não experimentei a morte do prazer. Tenho um prazer, (quase) indecente, não em estar vivo, que pode ser uma banalidade ingénua, mas em viver. Porque viver é muito mais do que estar vivo. Viver é estar atento ao fluxo incessante da autoconsciência, com os seus tempos próprios para fluir, ora rápidos, sobressaltados e avassaladores, ora tranquilos, lentos e criativos; e com os seus espaços, ora nítidos ora mal definidos, uns naturais outros virtuais e, por vezes, até, transcendentais. Porque o fluir da autoconsciência, este sentimento de Si como lhe chama Damásio, é onde tudo o que é verdadeiramente humano, verdadeiramente acontece. É onde o ethos específico do Homem se realiza e se manifesta, a si próprio e aos outros.

Direi que a autoconsciência é o nome moderno de Espírito; ou de Alma, se preferirem. Ora, para mim, o Espírito não morre porque a sua natureza não é mortal. Morre a estrutura orgânica pela qual se manifesta no mundo, morre esse magnífico e maravilhoso cérebro humano que é humano porque por ele se revela a humanidade do Homem. Mas a vida espiritual, que é a humanidade dos humanos, não acaba, apenas se transforma.

Como escreveu o malogrado poeta Daniel Faria, que o Porto e o País ainda não exaltaram como ele merece,

“Pai

Tenho medo de morrer depois da morte
Tenho medo de morrer antes da vida”

Pelo Bar me fiquei, no ambiente agora enevoado pelo fumo do tabaco e outras drogas. Pouco depois subiu para o banco ao meu lado uma esguia falsa loura com as marcas da idade disfarçadas por uma base espessa e exibindo uns seios flácidos e umas pobres pernas emagrecidas e de relevos ósseos bem salientes. Há uns anos que não a encontrava mas reconheci-a logo. Era uma seropositiva, embora já tivesse deixado a heroína.

– Sónia, que fazes por aqui? – Perguntei-lhe. – Voltaste à pica?

– Não, agora sou p---. (prostituta)

– Mas tu és...

– Eu sei, sou seropositiva. Mas o que eu quero é lixar todos os que forem comigo. Aquele que me pôs assim já está do outro lado e estes irão fazer-lhe companhia.

Não estava eu nem em dia, nem em local, de moralismos; calei-me e saí cá para fora.

O frio da rua espevitou-me e dei comigo a murmurar – Não sei se há prazer de morrer; mas a morte do prazer, a morte de um projecto pessoal de vida boa, pode gerar o prazer de dar a morte aos outros.

Ah! Velho Freud como tu tinhas razão quando a tua “alma judia” te fez descobrir que, mesmo nas civilizações mais avançadas, os seres humanos não conseguem esquecer, nem evitar, o prazer que sentem quando libertam a sua pulsão de agredir e matar os outros seres humanos.

Mortos todos os prazeres, só restava, a Sónia, o prazer de matar.

Decidi, naquela noite turbulenta, que não iria ao Espaço T fazer a minha intervenção. Falar sobre o prazer e a morte já não me interessa; nem interessa, hoje, a ninguém. O que está a dar não é o prazer da sexualidade, é o sexo orgásmico, puramente genital; não é a morte, mas sim a vida, como vida boa. Está decidido. Não falarei. Convidem um pós-moderno e deixem-me em paz, “com os amigos de mim”. E quem lá estiver vai, certamente, agradecer.

Daniel Serrão ■

BIBLIOGRAFIA

- Herlander Ribeiro. *Alma Judia*. Edição Portuguesa. 1939.
- Elie Wiesel. *D'ou viens-tu?*. Éditions du SEUIL. Paris. 2001.
- João J. Vila-Chã. *Amor Intellectualis? Leone Ebreo (Judah Abravanel) and the intelligibility of love*. Publicações da Faculdade de Filosofia. Braga. 2006.
- Ludwig Wittgenstein. *Tratado Lógico-Filosófico*. Investigações Filosóficas. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 1987.
- Maria Gabriela Llansol. *um falcão no punho*. DIÁRIO 1 edições rolim. Lisboa. 1985.
- Daniel Faria. *POESIA*. Edições QUASI. Porto. 2003.